

Mulheres artesãs no sul de Minas Gerais

RESUMO

Na história contemporânea é constatada a invisibilidade do trabalho realizado pelas mulheres, seja ele para garantir a reprodução ou em atividades de produção. Relações sociais demarcadas por uma desigualdade de gênero, que se materializam através de uma divisão sexual do trabalho, fazem parte do cotidiano da maior parte das mulheres trabalhadoras no Brasil. Dentro dessa marginalização surge a importância de explorar os papéis sociais por meio de uma ótica que inclua, também, as mulheres nos estudos sociais e econômicos. Para tentar diminuir essa lacuna, a atual pesquisa traz como um de seus eixos teóricos a divisão sexual do trabalho. Como objetivo geral, pretende-se analisar de que maneira os elos de trabalho produtivo e reprodutivo, de locais públicos e privados, realizados pelas mulheres da Associação Artes da Terra, do município de Itajubá-MG, são construídos socialmente. Para isso, a pesquisa se baseou na abordagem qualitativa, na coleta de dados realizada por meio da observação participante, entrevista de profundidade e análise de documentos. Como possíveis resultados de pesquisa foi observado a importância do fortalecimento das mulheres nos ambientes públicos e privados, pois muitas relavaram uma dupla exclusão dos seus trabalhos enquanto artesãs e trabalhadoras domésticas.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Desigualdade Social. Associação. Divisão Sexual do Trabalho.

Juliana Boldrin
julianaboldrinadm@gmail.com
Universidade Federal de Itajubá,
Itajubá, Minas Gerais, Brasil.

Viviane Guimarães Pereira
vivianeguimaraespereira@unifei.edu.br
Universidade Federal de Itajubá,
Itajubá, Minas Gerais, Brasil.

Bruna Mendes Vasconcellos
bruna.mendes@ufabc.edu.br
Universidade Federal do ABC,
São Bernardo do Campo, São
Paulo, Brasil.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado e apresenta como eixo principal de estudo a construção social do trabalho de mulheres de uma associação de artesanato do município de Itajubá – Associação Artes da Terra - localizado na região do Sul de Minas Gerais. O respaldo teórico para essa pesquisa são as discussões acerca da divisão sexual do trabalho.

A construção do papel social da mulher foi construída paulatinamente todos os dias desde os tempos mais primórdios. Essa feitura demonstra a múltipla categorização das mulheres, sendo diferenciada pelo local, classe, idade e raça vivida e construída todos os dias (MOORE, 2000), revelando assim, a influência dos pilares das sociedades que são majoritariamente patriarcais.

Dentro desses pilares está implicada, também, a relação de disputa entre os atores sociais. Este conflito apresenta um não equilíbrio de forças sendo este interligado à cultura de gênero. Contudo, as iniquidades de gênero, que culminam no viés androcêntrico¹ e que influenciam na produção e na reprodução do trabalho nem sempre foram evidenciadas.

Os locais de produção e reprodução do trabalho não possuem as mesmas representações sociais para homens e mulheres. Os espaços de produção normalmente ocorrem em locais públicos, nos quais há a relação de liderança política, social e econômica, sendo as atividades realizadas nestes nichos convertidas em valores monetários, ou seja, em um trabalho assalariado, protagonizado muitas vezes por homens.

Já os espaços privados são protagonizados pelas mulheres e a referência mais nítida para esse espaço está representada nos lares, no qual as mulheres exercem as funções de reprodução da vida e da força de trabalho, sendo visto como um trabalho não valorizado e não assalariado (CARRASCO, 2008; TEIXEIRA, 2008; COELHO, 2009; BOHN, 2017; BRUSCHINI E RICOLDI, 2009 e FEDERICI, 2017).

Segundo Federici (2017), o desenvolvimento histórico do sistema capitalista domesticou e ainda doméstica os corpos das mulheres. Essa domesticação auxiliou em processo de apropriação do Estado dos corpos das mulheres, transformando-os em um maquinário de produção e reprodução de mão de obra, desvalorizando muitas vezes os trabalhos realizados pelas mulheres. Essa desvalorização juntamente com o avançar do sistema capitalista, auxiliou no surgimento de uma divisão sexual do trabalho produtivo e reprodutivo (SAFFIOTI, 1987; CARRASCO, 2003; HIRATA E KERGOAT, 2007; FEDERICI, 2017).

Segundo Hirata e Kergoat (2007), a divisão sexual do trabalho é uma maneira que dissocia socialmente as tarefas e locais de trabalho de acordo com o sexo, sendo esta construída social e historicamente, em que os homens ficaram destinados ao ambiente produtivo e a mulher ao ambiente reprodutivo. E quando é analisado o papel exercido pelas mulheres dentro dos processos artesanais, observa-se que ele se distancia dos sistemas hegemônicos e dos locais tidos como públicos. Com essa divisão sexual do trabalho, muitas mulheres realizam suas tarefas de forma isolada em seus respectivos lares. Federici (2017) menciona que ao longo de muitos períodos históricos a solidariedade e a coletividade se

construíram como uma forma de resistência e alternativa para o sistema hegemônico que estava sendo imposto.

O presente trabalho analisa a vivência da Associação Artes da Terra (AAT), através de um olhar conformado pelas perspectivas da divisão sexual do trabalho. A AAT tem sua origem em Itajubá, no ano de 2001, sendo ela constituída por 25 artesãs e artesãos, produtoras e produtores caseiros na área de alimentação e artesanato, cuja grande maioria é integrada por mulheres - sujeitas desta pesquisa.

Dentro dessa composição e formação social, econômica e sexual da AAT, surgem dois questionamentos que orientaram esta pesquisa: de que maneira se dispõe socialmente o trabalho produtivo e reprodutivo das mulheres da AAT? Como são construídas as relações sociais da AAT dialogando com os princípios de divisão sexual do trabalho?

Assim, o objetivo deste artigo é analisar de que maneira os elos de trabalho produtivo e reprodutivo, de locais públicos e privados, realizados pelas mulheres da Associação Artes da Terra, do município de Itajubá-MG, são construídos socialmente. Metodologicamente, esta pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou-se de entrevistas em profundidade, observação participante, análise de documentos, caderno de campo, numa análise circular dos dados (Alencar, 1999), ou seja, através de diversos contatos consecutivos com o campo e análises sequentes para cada visita, fazendo da coleta, sistematização e análise processos não estanques e triangulados.

METODOLOGIA

As Sujeitas de Pesquisa: as Associadas da AAT

A associação Artes da Terra, segundo o Regimento Interno de Funcionamento (2017), foi constituída oficialmente no dia 11 de maio de 2001 e não possui sede, mas se encontra semanalmente na feira organizada na Praça Getúlio Vargas, do município de Itajubá, e suas reuniões são periódicas realizadas na Incubadora Tecnológica de Cooperativas da Universidade Federal de Itajubá–INTECOOP/UNIFEI.

Atualmente com 25 associadas e associados, a associação² tem como princípio criar um ambiente que promova a valorização para as artesãs e artesãos e produtoras e produtores caseiros de Itajubá e região. A associação é dividida em dois setores: artesanato e alimentação. Sendo quatro mulheres e cinco homens participantes do setor alimentício e quatorze mulheres e dois homens participantes do setor artesanal.

A associação tem como princípio criar um ambiente que promova a valorização e o ensejo para as artesãs e artesãos e produtoras e produtores caseiros de Itajubá e região. Este ambiente materializa-se nas feiras que ocorrem nas sextas-feiras e sábados em Itajubá.

Fundamentos Metodológicos

A pesquisa é de natureza qualitativa e traz como ótica a relação de que a pesquisa não é neutra e que sofre influências de quem realiza o trabalho. A pesquisa é construída de acordo com a visão de quem a executa, sendo tecida por meio da cultura e o ambiente em que está inserida, com isso as pesquisas e teorias têm como propósito organizar e construir de diferentes maneiras o conhecimento e referendar práxis legitimada por determinada comunidade científica em determinado contexto histórico (HARAWAY 1995; NARVAZ E KOLLER, 2006; HARDING, 2007).

Este artigo foi elaborado a partir de uma ótica e vivência de mulheres Latinas-americanas, trabalhadoras e feministas. Que compreendem que a universidade é um espaço que necessita ter os seus pilares unidos no ensino, pesquisa e extensão, que o conhecimento não é algo neutro e está imbricado pelas lentes androcêntricas. Uma das autoras desse artigo possui uma atuação significativa há cerca de oito anos juntamente com movimento feminista de mulheres dentro do espaço universitário, mas também fora dele com coletivos e grupos organizados de mulheres seja para o debate feminista como também para a geração de renda tendo como pilares a solidariedade e a coletividade.

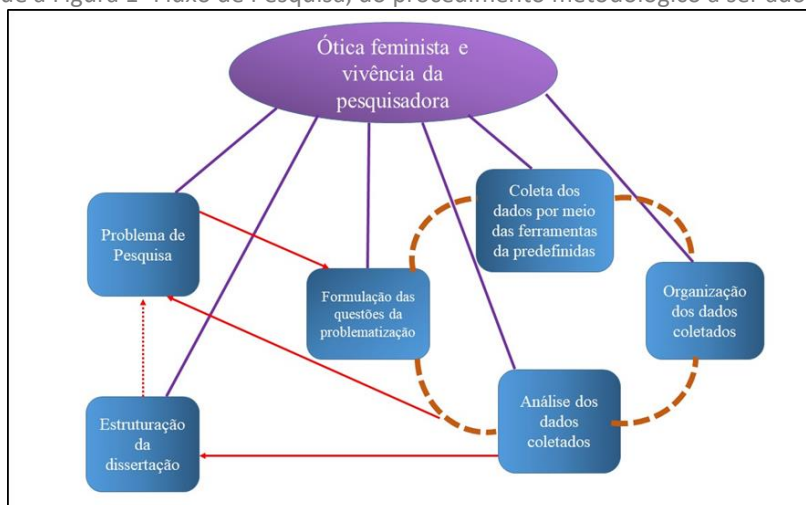
Além disso, cabe destacar que o espaço social existente não é homogêneo e é marcado pelo desequilíbrio de gênero, no qual há mais pesquisas desenvolvidas pela ótica androcêntrica, ou seja, por uma perspectiva masculinizada, branca e de países do Norte, apresentando a relevância da crítica feminista, construindo tanto um papel epistemológico dentro das análises realizadas, por meio de uma escrita contrária à objetividade imposta dentro do contexto majoritariamente masculino e machista, como também de resistência frente ao discurso e práticas realizadas pelos homens, seja dentro do ambiente acadêmico, seja na sociedade em si (HARAWAY, 1995).

Outro fundamento que a pesquisa está embarcada é a importância de analisar esse grupo de associadas em que a maioria é composta por mulheres e que correspondem a margem do sistema imposto (HARAWAY,1995). A partir da compreensão de que essas sujeitas de pesquisa fazem parte de um contexto global, que se interagem com toda a sociedade é reverberado de que elas são sujeitas de pesquisa, como tratam Touraine (2006) e Scherer-Warrer (2008) e não somente um objeto a parte.

Ferramentas Metodológicas

O percurso metodológico desta pesquisa iniciou-se no dia 03 de abril de 2018, com a aproximação com as sujeitas de pesquisa. Para que ocorra uma melhor compreensão dos dados, adotaram-se diversas ferramentas metodológicas como entrevistas em profundidade, observação participante, análise de documentos, caderno de campo, a sequência circular dos dados e, por fim, a triangulação destes. Segundo Alencar (1999) a pesquisa qualitativa se inicia com a formulação do problema de pesquisa e com os paradigmas que auxiliam a fundamentação das questões do trabalho.

Segue a Figura 1- Fluxo de Pesquisa, do procedimento metodológico a ser adotado.



Fonte: elaborado pela autora (adaptação de Alencar, 1999).

A sequência circular é demonstrada pelo círculo tracejado que simboliza o caminhar da pesquisa, que é cíclico e está sempre em constante mudança, iniciando com a formulação das questões problematizadoras da pesquisa, seguindo pela coleta dos dados por meio das ferramentas predefinidas (no caso desta pesquisa são as entrevistas em profundidade, observação participante, análise de documentos, caderno de campo), depois há a organização dos dados por meio das ferramentas utilizadas dentro do campo, passando para a análise dos dados. Caso ainda houvesse algo a ser analisado ocorria um retorno ao campo, tornando o percurso cíclico.

Outra ferramenta importante que foi utilizada na pesquisa foi a entrevista, que segundo Alencar (1999) é o método de análise em pesquisas sociais mais aplicadas na construção da pesquisa, as entrevistas foram realizadas pessoalmente durante os dias das feiras ou reuniões da AAT. As entrevistas possuíam roteiros semiestruturados e a elaboração das perguntas teve cuidado quanto a uma linearidade, sentido e objetividade do trabalho para a construção do diálogo entre a pesquisadora e as entrevistadas. Os registros das entrevistas foram realizados em um diário de campo para promover uma maior aproximação entre a pesquisadora e o seu campo de pesquisa.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

As Associadas, a Divisão Sexual do Trabalho

Michelle Perrot (2007) ao abordar o trabalho das mulheres afirma que a conquista da vida profissional das mulheres foi difícil e teve seu início bastante ligado ao próprio trabalho doméstico, refletindo no exercício de profissões que abrigam atividades ligadas à casa e ao cuidado. A autora relata sobre as camponesas; as donas-de-casa, sejam as do meio operário, sejam as burguesas; as empregadas domésticas, as operárias, as vendedoras, secretárias, enfermeiras, as atrizes. Em todas as funções, ela relata sobre a conquista e os inúmeros obstáculos enfrentados por essas mulheres, de modo que galgarem algumas profissões foi

necessário muitas vezes negar a sua postura de mulher para serem mais bem aceitas no ambiente de trabalho.

Para alcançar os objetivos propostos foi realizado um roteiro de entrevista semiestruturado com algumas indagações sobre as relações de trabalho nos ambientes públicos e privados, a fim de analisar as intersecções com a divisão sexual do trabalho. Segue quadro 1 que apresenta o panorama geral das entrevistas das associadas da Artes da Terra trazendo a sistematização de alguns dados iniciais das com seis associadas que foram.

Quadro 1 - Panorama geral das entrevistas das associadas da Artes da Terra.

Nome	Idade	Estado Civil	Raça	Nível de Escolaridade	Profissão	Nº de Filhos	Religião
Nísia Floresta	65	Casada	Branca	Ensino Superior incompleto	Artesã	4	Católica
Chiquinha Gonzaga	47	Casada	Branca	Curso técnico	Artesã	2	Católica
Rose Marie	47	Casada	Branca	Magistério	Artesã e Educadora infantil	1	Evangélica
Maria da Penha	66	Casada	Branca	Ensino Fundamental Incompleto	Faxineira, Crocheteira e Costureira	5	Evangélica
Dandara	58	Solteira	Parda	Ensino Fundamental incompleto	Artesã	2	Católica
Anita Garibaldi	48	Casada	Branca	Ensino Superior completo	Artesã	0	Católica, simpatizante do espiritismo

Fonte: Elaboração própria.

Pode ser notado que a maioria das associadas são adultas ou idosas, variando entre 68 anos a 47 anos. Quanto ao estado civil, somente uma associada mencionou ser solteira e as demais casadas. Contudo quando analisado sobre a cor é notado que somente uma associada se autodeclarou parda e as demais se autodeclararam brancas.

Cabe destacar que a única mulher negra entrevistada foi Dandara³ que se autodeclarou parda, mesmo sabendo da inexistência da cor parda, foi mantida no texto a fala da entrevistada. Segundo Gomes (2003) a identidade negra é desenvolvida culturalmente, historicamente e socialmente, a partir do olhar personagens envolvidos. Carneiro (2003) complementa dizendo que a mídia possui forte papel como elo que auxilia na interferência na construção negra no Brasil.

Ainda analisando a declaração de Dandara, ela foi a única mulher entrevistada não casada. Hooks (1995) menciona que há a criação histórica de uma identidade social para as mulheres negras e aborda a relação da solidão sendo esta construída socialmente também na qual muitas mulheres são isoladas da formação da família heteropatriarcal. Estes fatos são encontrados na fala de

Dandara sendo a única mulher negra entrevistada e sendo solteira, dialogando com a solidão citada na literatura.

Analisando as demais falas das entrevistadas e estando de acordo com Federici (2017) dentro da construção histórica da domesticação do corpo da mulher, há uma relação da funcionalidade do trabalho no sistema capitalista e a indagação da projeção das mulheres para a realização de tarefas domésticas e de cuidado em consequência da maternidade, na qual muitas vezes o papel social de ser mãe é visto como uma identidade já imposta, sendo enraizada por características de doçura, amorosidade e um conhecimento já preexistente de zelo (FARIA, 2009).

O trabalho doméstico não é naturalmente um “trabalho feminino”, mas sim ofícios sociais reprodutivos, com isso, Costa e Selma James (1972) argumentam que não há libertação e nem emancipação por meio do labor. As autoras argumentam que o salário possui significado de “indivíduos livres” somente para uma porcentagem da população, pois para muitas mulheres que ainda realizam trabalho doméstico e não recebem o ressarcimento pelos afazeres realizados e mesmo que as mulheres realizam trabalhos fora de seus lares em que recebam remunerações, após chegarem a suas casas são induzidas a realizar muitas tarefas domésticas sozinhas, como lavar a louça, cozinhar, limpar.

As mulheres continuam cuidando dos filhos ou de entes familiares até mesmo utilizando da totalidade de sua licença maternidade, e a sua volta ao trabalho é feita gradativamente, caminhando entre múltiplas jornadas de trabalho dentro de seus lares e no mercado de trabalho (TEIXEIRA, 2008).

Bruschini (2008) aponta para a dificuldade que as mulheres têm de conciliar as atividades domésticas com atividades profissionais, tendo em vista que os dados mostram que mulheres com filhos pequenos acabam por se eximir do mercado de trabalho porque necessitam dedicar maior atenção aos seus filhos, destacando que a maternagem é muito presente na vida das mulheres, ao passo que o exercício da paternagem ainda é bastante incomum para os homens.

A conciliação entre os trabalhos domésticos e uma suposta inserção nos locais públicos como menciona Fernandez (2008) se faz de maneira mais intensa nos países periféricos como o Brasil.

Nos países periféricos, é dispensável recordar, mas a situação é ainda mais grave, tendo em vista que engendra um círculo vicioso que perpetua cenários de desigualdade e pobreza. Por um lado, as mulheres ganham menos no mercado de trabalho e são as primeiras a sofrerem as consequências das políticas macroeconômicas de ajuste – seja o desemprego, seja a necessidade de aceitação de subempregos – em decorrência de suas responsabilidades em casa, ou seja, porque historicamente especializaram-se no trabalho doméstico. Por outro lado, particularmente nas camadas sociais mais baixas, especializam-se cada vez mais no trabalho doméstico, uma vez que suas expectativas de inserção no mercado formal de trabalho são cada vez piores, e os retornos financeiros esperados, cada vez menores (FERNANDEZ, 2008, p. 365).

As invisibilidades dos diversos trabalhos realizados dentro do espaço doméstico são muitas vezes exercidas somente pelas mulheres, como o cuidado com prole ou organização e limpeza dos espaços privados. O cuidado com os filhos nos primeiros momentos de vida é auxiliado e institucionalizado pelas licenças maternidade e paternidade assegurada pelo governo brasileiro para quem possui emprego formal, contudo, ainda há uma disparidade com relação a variação de tempo das licenças.

Essa diferença significativa de tempo das licenças de maternidade e paternidade, zelo pela prole, segundo Coelho (2009) são alguns dos fatores que interferem na participação das mulheres no mercado de trabalho. Nísia, menciona “Estudei até o 3º ano do curso de letras, tive que parar, pois, o marido foi transferido pra Itajubá” e Chiquinha também quando indagada sobre sua formação acadêmica e a participação no mercado de trabalho relata: “eu fiz técnico, eu trabalhei em vários escritórios, depois que tive filhos parei, mais pela família mesmo”.

Realizando a reflexão dada pela literatura mencionada anteriormente e pelas falas de Chiquinha e Nísia é possível perceber que há uma frequência de mulheres que interrompem seus planos de carreiras predefinidos para cuidar de seus entes e de suas casas. Essa relação de divisão e reconhecimento dos trabalhos domésticos entre seus cônjuges, também é observada pelas falas das mulheres da Artes da Terra.

Georges (2008) explora a questão de gênero e trabalho também a partir de diferentes contextos geográficos, fazendo uma comparação entre Brasil e França. Por meio de uma pesquisa dos modos de construção das carreiras de engenheiras do setor de telecomunicações no Brasil e na França, mostra questões como a mobilidade geográfica entre os casais, a articulação com o trabalho doméstico e a origem social das mulheres como questões que afetam seu trabalho.

A autora verificou que em ambos os contextos as mulheres exteriorizam de modo similar a falta de vontade de “fazer carreira”, o que representa uma dificuldade em conciliar as esferas profissional e doméstica. O que fica evidente é que as mulheres incorporam de maneira naturalizada essa obrigação com os afazeres do lar, sendo custoso dedicar-se integralmente a profissão, dado que elas “têm o compromisso” de cuidar do espaço doméstico, sendo raramente esta responsabilidade dividida com o companheiro. No caso das mulheres brasileiras, estas parecem sofrer ainda mais com esta questão, pois muitas acabam relegando a oportunidade de constituir uma família para dedicar-se ao profissional. Esse fato revela que no Brasil ainda resiste fortemente a divisão social e sexual de trabalho.

Indagada sobre a participação do seu companheiro nos trabalhos domésticos Anita relata que “Não, não. Eu tenho dois trabalhos e ele tem um só (risadas). Ele não ajuda em casa, mas às vezes com o cachorro (risadas novamente). A casa às vezes tem que dar uma chorada que às vezes ele ajuda.” Pela fala de Anita é observado que muitas vezes as mulheres exercem mais de uma função, ou multitarefas, em locais privados ou em locais públicos, ou em ambos ao mesmo tempo, que frequentemente não são reconhecidas como trabalhos pelos seus cônjuges.

Essa relação de disparidade entre as mulheres e os homens, referente ao reconhecimento e divisão de tarefas também pode ser observada na fala de Nísia, outra associada, que afirma que seu marido ajuda a não bagunçar a casa, e ele não ajuda nos afazeres domésticos mais pesados, porém, ela foi a única associada que possuía uma ajudante em sua casa: “Ele ajuda a não fazer bagunça, ele nem ajuda a lavar a louça, ele ajuda a olhar as crianças, eu tenho uma empregada pra me ajudar”.

Nísia foi a única associada que possuía uma ajudante diariamente em sua residência, no entanto mesmo havendo ajuda nas tarefas domésticas, ainda ‘sim, seu cônjuge não realiza outras tarefas domésticas mesmo em períodos de ausência da ajudante. Já Maria, outra associada, durante a entrevista explana também que somente quando ela não se encontra em seu lar é que o seu marido auxilia nas tarefas domésticas, no entanto quando ela está presente realiza todo o trabalho mais pesado. “Eu que lavo, cozinho e passo, quando eu saio ele ajuda, faz comida. Depois que eu faço todo o meu serviço, eu faço o meu crochê, quase não saio de casa e aqui é de sexta e sábado”.

Os homens constroem uma relação de distanciamento característica nos afazeres domésticos, os quais muitas vezes assumem um papel coadjuvante de auxiliares nos trabalhos relacionados aos locais privados (CARRASCO, 2003). Dandara que reside somente com seus filhos, relata “tem vezes que eles ajudam, têm vezes que eles têm os afazeres deles que é estudar e não ajudam. Eu me levanto muito cedo na parte da manhã, eu arrumo a casa e a parte da tarde sobra pra fazer minhas coisas”.

Ao analisar as duas últimas falas, percebe-se que mesmo que as três associadas não possuem uma ajudante diariamente e também o mesmo volume de renda mensal em seu núcleo familiar, as duas associadas sofrem um reflexo da naturalização do trabalho doméstico, na qual ambas relataram que o cônjuge “ajuda”, mas não mencionaram que ele tem a proatividade de liderar alguma tarefa doméstica, ou de realizada de fato, fortificando assim, o que já foi mencionado anteriormente que o processo de invisibilidade do trabalho doméstico realizado por mulheres acabou se tornando naturalizado em todo processo histórico.

Quando indagadas sobre como o cônjuge reconhece o trabalho manual com o desenvolvimento de artesanatos, muitas associadas responderam que eles veem mais como algo paralelo e uma forma de distração. Chiquinha argumenta que: “Não muito não, por que ele acha que não é um trabalho e sim uma distração”. E quando foi perguntado para Anita, mas ele vê isso como um trabalho? Ela respondeu “Ele vê que ele trabalha que ele leva dinheiro para casa”.

E quando foi perguntado se o cônjuge vê como uma forma de trabalho o que ela faz. Anita explana “Não, ele sabe que é um trabalho, mas ele acha que é moleza, que é o tempo ali, uma horinha por dia, faço um monte de coisas (risadas)”. Já Maria argumenta “Ele não manifesta muito não, ele é indiferente, meu marido é mais social, mas ele não valoriza o meu trabalho, valoriza dos outros e não da gente e eu falo pra ele, olha eu também faço isso”.

Dentro dessa construção da invisibilidade e marginalização de algumas formas de trabalho realizadas por mulheres, surge a importância de se analisar o labor com artesanatos. Silva (2016) menciona que o trabalho artesanal possui uma relação histórica e social desde a pré-história. Com a imposição da Primeira Revolução Industrial, ocorre uma transformação nos processos produtivos protagonizando a maquinofatura e o trabalho artesanal passa a atuar como um trabalho precedido, esse processo proporcional em uma mudança social e econômica, com a fortificação do sistema capitalista e o aumento da acumulação do capital (SILVA, 2015).

Ao realizarmos um recorte com o contexto brasileiro é observado um caminho que se entrelaça as relações de gênero com o artesanato. Silva (2016) argumenta que no Brasil eram ministradas aulas de trabalhos manuais em escolas e igrejas para mulheres como modos de ocupação de tempo às quais na maioria das vezes se relacionavam com a maternidade. Essas aulas muitas vezes eram para reforçar traços que a sociedade tratava de denominar como feminilidade.

Silva (2015) menciona que o artesanato proporciona para as mulheres uma dupla exclusão, pois mesmo que a sua materialização seja comercializada em locais públicos a lógica de produção foge das imposições do sistema hegemônico. Dessa forma o artesanato, assim como os corpos das mulheres possui um papel de resistência frente os pilares sociais já expostos anteriormente. Trata-se de uma singularidade que foge aos padrões físicos e intelectuais da mercantilização (FEDERICI, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção histórica e social das mulheres foi desenvolvida de maneira complexa por meio de muita luta, o que resultou em uma desigualdade social, trazendo muitas vezes as mulheres em uma posição subjugada na sociedade. A marginalização social das mulheres é um dos principais fatores que propiciou a consolidação do sistema capitalista, por meio da desvalorização dos trabalhos das mulheres e utilizando os seus corpos para a produção e reprodução de mão de obra.

Este desprestígio histórico e social das tarefas exercidas pelas mulheres resultou no desenvolvimento de uma divisão sexual do trabalho desigual e discriminatória. Essa divisão sexual do trabalho alcança diferentes esferas sociais, econômicas e políticas, separando-as em públicas e privadas, pelas quais os homens participam dos espaços públicos com a maioria das decisões tomadas socialmente, economicamente e politicamente e diversas mulheres ocupam os espaços privados, como lares, exercendo atividades de afetos em que muitas vezes são invisibilizadas como uma forma de trabalho socialmente reconhecida (HIRATA e KERGOAT, 2007).

Essa divisão sexual do trabalho se reflete nas mulheres da Associação Artes da Terra. Dentro da pesquisa foi observado que algumas mulheres utilizavam o espaço da feira (local público) como um local em que elas pudessem sair de seus lares (locais privados) e ter momentos de interação com outras mulheres e possíveis clientes. No interior de seus espaços domésticos as sujeitas da AAT

relataram que seus cônjuges muitas vezes não auxiliam nas tarefas e que eles não encaram essas ações como uma forma de trabalho.

A invisibilidade e marginalização do trabalho doméstico relatado por mulheres da AAT mostra a construção histórica dos papéis sociais das mulheres, em que, amiúde, traz a relevância da valorização por distintos elos para as atividades exercidas por mulheres nos locais domésticos. Para descortinar tanto no eixo social como econômico a invisibilidade e desvalorização dos trabalhos domésticos realizados por mulheres é necessário um labor cauteloso de diálogos e conscientização em distintos períodos para diversas pessoas, visto que essa marginalização está enraizada historicamente, e que não basta somente um reconhecimento econômico e sim social pelos diversos sujeitos envolvidos.

O enaltecimento do trabalho doméstico se mostrou necessário dentro dos relatos das mulheres da AAT, visto que muitas sujeitas apresentaram um esgotamento no diálogo com seus companheiros. O que reverbera a importância da compreensão dos diversos sujeitos sociais que compõem a totalidade da sociedade, contudo para a realização dessa valorização é necessário o envolvimento também de personagens que detém poder dentro das comunidades.

Muitas das sujeitas realizam múltiplas jornadas de trabalho e seus companheiros não reconhecem, como as atividades realizadas dentro de seus lares, como lavar, passar e cozinhar, seus cônjuges muitas vezes os caracteriza como atividades complementares, de ajuda para a casa, contudo foi relatado também que as atividades que as mulheres realizam em seus locais domésticos para a fabricação de seus artesanatos que são revendidos na feira, também não possuem uma valorização e reconhecimento como um modo de trabalho. Portanto, mesmo que as algumas mulheres realizem trabalhos tanto dentro como fora de seus lares, ainda assim são reconhecidos como uma forma de trabalho auxiliar e isso se refletem também quando as mulheres se organizam, no trabalho. As associações são apresentadas como forma de organização.

Para que haja uma real mudança para as mulheres não somente da Associação Artes da Terra, mas também para muitas mulheres que ainda não possuem uma valorização de suas atividades exercidas nos mais diversos locais públicos e privados é preciso que haja uma mudança mesmo que singela nas relações estruturais que engessam a sociedade, para isso é preciso o incentivo e amplitudes de debates e trabalhos juntamente com o poder público para a implementação de políticas que possam diminuir essa lacuna, visto que essa desvalorização citada anteriormente é histórica e naturalizada.

Para estudos futuros é sugerido a intensificação das metodologias e estudos feministas e um estudo mais aprofundado em pontos não explorados como a relação da renda gerada pelas mulheres artesãs e como essa valorização impacta nos espaços públicos e privados, analisar também os retornos financeiros, culturais e sociais para as mulheres artesãs de várias regiões do Brasil e como cada esfera socio geográfica impacta nas mulheres.

Women artisans in the south of Minas Gerais

ABSTRACT

In contemporary history, the invisibility of the work carried out by women is verified, be it to guarantee reproduction or in production activities. Social relations marked by gender inequality, which materialize through a sexual division of labor, are part of the daily lives of most working women in Brazil. Within this marginalization, the importance of exploring social roles arises from an perspective that also includes women in social and economic studies. To try to close this gap, the current research brings as one of its theoretical axes the sexual division of labor. As a general objective, we intend to analyze how the links of productive and reproductive work, of public and private places, made by women from the Associação Artes da Terra, county of Itajubá-MG, are socially constructed. The research was based on a qualitative approach through the observation, in-depth interview, document analysis and data collection. Here we suggest the women strengthening in public and private environments, because many of them highlighted a double exclusion from their jobs as artisans and also as domestic workers.

KEYWORDS: Women. Social inequality. Association. Sexual Division of Labor.

NOTAS

¹ O androcêntrico é a concepção do homem, do masculino como algo central e pioneiro, auxiliando em uma não visibilidade das mulheres enquanto sujeitas sociais e atuantes economicamente, socialmente e politicamente da sociedade (SAFFIOTI, 2001; BÉREGÉRE MARQUES-PEREIRA, 2009).

² Este artigo é fruto de uma dissertação que foi realizada entre o mês abril de 2018 até agosto de 2019, contudo até o momento da publicação deste artigo o número de integrantes na associação diminuiu chegando a 11 associadas, tendo nove mulheres no setor de artesanato e na alimentação duas pessoas e destas um homem.

³ Este trabalho se preocupa com a linguagem e também a com visibilidade de mulheres dentro da sociedade brasileira, com isso, afim de manter a identidade das entrevistadas, utilizou-se nomes fictícios de mulheres que tiveram forte presença histórica e também romperam com padrões sociais, culturais ou econômicos impostos nos momentos em que elas viveram.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edgard. **Introdução a metodologia de pesquisa social**. UFLA, 1999.

ÁVILA, Maria. Betânia. **O Tempo do Trabalho Produtivo e Reprodutivo na Vida Cotidiana**. Revista ABET vol. IX — n. 2. p. 53-70. 2010

BOHN, Liana. **Inserção feminina na teoria e na prática: ensaios sob o olhar da economia feminista**. Tese (Doutorado em Economia) – Centro Socio- Econômico, Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2017

BRUSCHINI, Maria Cristina. **Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado?** Revista Brasileira de Estudos Populacionais. São Paulo, v.23, n. 2, p. 331-353, jul/dez. 2006

BRUSCHINI, Maria Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. **Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda**. Cad. Pesqui., São Paulo, v. 39, n. 136, p.93-123, Apr. 2009.

BRUSCHINI, Maria Cristina. et al. Trabalho e gênero no Brasil até 2005: uma comparação regional. In: COSTA, A. de O.; BRUSCHINI, C.; HIRATA, H. (org.) **Mercado de trabalho e gênero: Comparações internacionais**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, 420p

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estud. av.**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, Dec. 2003.

CARRASCO, Cristina. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres. In N. Faria & M. Nobre. **A produção do viver: economia feminista** - pp. 11-49, Cadernos Sempreviva, 8, Série Gênero, Políticas Públicas e Cidadania). São Paulo: SOF.2003.

CARRASCO, Cristina. “Por uma economia não androcêntrica: debates e propostas a partir da economia feminista”. In: SILVEIRA, Maria Lucia da; TITO, Neuza. **Trabalho doméstico e de cuidados: por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana**. São Paulo: SOF, 2008.p. 91-104.

COELHO, Isabel, “Economia Feminista” in CATTANI, António (coord.) (2009), **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Coimbra: Edições Almedina, 128-132. 2009

DALLA COSTA, Mariosa., JAMES Selma. **The power of women and the subversion of the community**. Bristol: Falling Wall Press. 1972.

FARIA, Nalu. Economia feminista e agenda de luta das mulheres no meio rural. In: Sabato, H. P. M. et al. (Org.). **Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres**. Brasília: MDA, 2009. p.11-28.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, o corpo e a acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante Editora, 2017.

FERNANDEZ, Brena Paula Magno. **A Epistemologia de Hugh Lacey em diálogo com a Economia Feminista: neutralidade, objetividade e pluralismo**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 359-386, maio 2008.

GEORGES, Isabel. Entre vida doméstica e vida profissional. Engenheiras no Brasil e na França. In: COSTA, A. de O.; SORJ, B.; HIRATA, H. (org.) **Mercado de trabalho e gênero: Comparações internacionais**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, vol. 29, 2003. p.167-182.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARDING, Sandra. Gênero, **Democracia e Filosofia da Ciência**. RECIIS – R. Eletr. de Com.Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.163-168, 2007

HIRATA, Helena. & PHILIPPE. Zarifian. 2009. Trabalho (Conceito de), in **Dicionário Crítico do Feminismo**. Organizado por H. Hirata; F. Laborie; H. Le Doaré; D. Senotier, pp. 251-256. São Paulo: Unesp.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cad Pesqui. p. 595-609, 2007.

HOOKS, Bell. **Intelectuais negras**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, 2. sem. 1995.

MELO, Hildete. Pereira de; CASTILHO, Marta. **Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz?** Revista de Economia Contemporânea, v. 13, n. 1, p. 135-158, 2009.

MOORE, Henrietta. **Fantasia de poder e fantasia de identidade: gênero, raça e violência**. Cadernos Pagu, Campinas: Pagu/Unicamp, n. 14, p. 13-44, 2000.

NARVAZ, Martha. Giudice.; KOLLER, Silvia. Helena. **Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 3, p.647-654, 2006.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth.I.B. **O poder do macho**. 1ª ed. São Paulo, Ed. Moderna. 1987.

SCAVONE, Lucila. **Dar a vida e cuidar da vida: feminismo e Ciências Sociais.** São Paulo: EDUNESP, 2004

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais na América Latina: caminhos para uma política emancipatória?** Caderno CRH, v. 21, n. 54, p. 505-517, 2008.

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. **A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década.** Estud. av., São Paulo, v. 30, n. 87, p. 123-139, Aug. 2016.

TEIXEIRA, Marilane Oliveira. **Desigualdades salariais entre homens e mulheres a partir de uma abordagem de economistas feministas.** Revista Niterói, v. 9, n. 1, p. 31-45, 2. sem. 2008.

TEIXEIRA, Marilane Oliveira. **Um olhar da economia feminista para as mulheres: os avanços e as permanências das mulheres no mundo do trabalho entre 2004 e 2013.** 2017. 1 recurso online (228 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/330990>>. Acesso em: 3 set. 2018.

TOURAINÉ, Alain. **Na fronteira dos movimentos sociais.** Revista Sociedade e Estado, v. 21, n.1, Brasília (DF), Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), 2006.

Recebido: 04/12/2019

Aprovado: 11/07/2020

DOI: 10.3895/rts.v16n45.11368

Como citar: BOLDRIN, J.; PEREIRA, V.G.; VASCONCELLOS, B.M. As mulheres artesãs no sul de Minas Gerais. **Rev. Tecnol. Soc.**, Curitiba, v. 16, n. 45, p. 108-122, out./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/11368> . Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

